

SEDUÇÃO



CADA VEZ MAIS PEDÓFILOS

USAM A INTERNET

PARA IDENTIFICAR

CRIANÇAS, ATRAÍ-LAS E

ABUSAR DELAS. EIS O

QUE SE PODE FAZER.

**POR LISA FITTERMAN
COM REPORTAGEM DE CLÁUDIA SOARES**

ON-LINE

FOTO: © SABINE DUERICHEN/GETTY IMAGES

“P

or favor, mãe! Está todo mundo lá!” Marianne* escutou esse refrão durante meses. O que Katrina,* sua filha caçula, mais queria no mundo era entrar para o Habbo.com, maior hotel e sala de jogos virtual do mundo para adolescentes. Isso mudaria sua vida, dizia a menina, pois poderia conhecer gente do país inteiro.

– Mas você só tem 11 anos – era a resposta padronizada de Marianne.

– Eu vou ser responsável, juro!

Finalmente, Katrina venceu a mãe. Pôde entrar para o Habbo, com cerca de 500 mil filiados na Holanda, desde que obedecesse a certas regras: não podia informar o telefone, endereços de *e-mail* e muito menos o endereço real da família na cidadezinha no sudoeste do país.

O que poderia dar errado?

O primeiro sintoma do problema surgiu num sábado de fevereiro de 2010, quando Katrina foi a uma festa de aniversário sem o celular que a mãe lhe dera na semana anterior. Marianne o mostrava a uma amiga quando o torpedo chegou. “Esteja lá em 15 minutos”, dizia. “Amo você.”

Marianne ficou curiosa. *Lá, onde?*, pensou. *Katrina não está naquela festa?*

Preocupada, viu que havia 70 mensagens, todas de alguém chamado Eric. Muitas eram inadequadas, até com teor sexual. Meu Deus! Ela ligou para o número de Eric. Só que não havia nenhum “Eric” do outro lado, mas sim a secretária eletrônica de “Andreas”, com voz de homem-feito. Ela telefonou para o trabalho do marido.

– Acho que um pedófilo está atrás da nossa filha – disse.

– Já estou indo para casa – respondeu ele. – Dê uma olhada no *laptop* de Katrina.

Nele, estava o pior pesadelo dos pais: uma série de mensagens de “Andreas” para Katrina, inclusive uma que mencionava terem “feito amor” na semana anterior e o que ele faria com ela na próxima vez. Era sobre a filha deles que ele falava, a sua bebezinha que ainda nem usava sutiã! *Respire fundo*, disse a si mesma. Queria vomitar, enquanto a cabeça disparava. O que fizera de errado? Seria porque ela e Hans trabalhavam em horário integral? Katrina sabia que não devia falar com estranhos. Eles tinham ensinado isso a ela e aos três irmãos mais velhos.

Quando chegou em casa, Katrina tentou negar tudo. Eric era apenas alguém que conhecera no Habbo, e Andreas, só um amigo dele mais velho.

– E esses *e-mails*? – perguntou Marianne. – E os textos? Vamos à polícia.

Aos poucos, a história se revelou. A princípio, Katrina achou que “Eric” tinha 12 anos, depois 14, depois 18. Ele alugara para ela um quarto no hotel

*Nomes trocados para proteger a privacidade.

virtual do *site* com o seu cartão de crédito; tinham ido “morar juntos”. Ela o chamava de “namorado” e ele a chamava de “princesa”. Quando Eric sugeriu que saíssem do ninho de amor virtual e fossem para um de verdade, a coisa pareceu natural. Não importava que ele tivesse 28 anos. Ele foi buscá-la na escola com o seu BMW e a levou para comer lagosta antes de irem para um hotel real, com cama e chuveiro reais. Com ele, Katrina se sentia linda e adulta, e ninguém da família suspeitara de nada porque ela chegava em casa antes do jantar.

“Eu o amo”, declarou ela.

Marianne levou o computador de Katrina para a delegacia mais próxima, mas lhe pediram para voltar na

– O que faremos? – perguntou ela ao marido, nervosíssima.

– Seguiremos para outra delegacia – respondeu ele. – Não vamos esperar.

Infelizmente, a história de Katrina não é a única. Em todo o mundo, há casos de crianças iludidas por uma falsa sensação de segurança quando se aventuram pela Internet. Crianças abordadas em redes sociais, com mensagens ou em jogos *on-line*; crianças seduzidas apenas por um elogio no ciberespaço e que não acharam que algo ruim poderia lhes acontecer quando fossem encontrar o novo amigo na vida real.

Na casa de Solange* e Sérgio* o computador ficava na sala, para uso do casal e dos filhos. Certo dia Gabriela*, 12 anos, começou a reclamar da falta de concentração nos trabalhos escolares por causa do barulho da TV e das conversas paralelas, e pediu aos pais que transferissem o computador para seu quarto.

– Depois das 20 horas, Gabriela estava sempre na frente do computador e não saía do quarto para nada. Caso alguém se aproximasse, ela minimizava a tela – lembra a mãe, que desconfiou da mudança de comportamento da filha. – Ela começou a aparecer maquiada à noite e do nada trancava a porta do quarto. Um dia a chamei, mas ela disse que estava deitada. Dei a volta por fora da casa, espiei pela janela e a vi na frente do computador.

O pai instalou um *software* espião

NELE, ESTAVA O PIOR PESADELO DOS PAIS: UMA SÉRIE DE MENSAGENS DE “ANDREAS” A KATRINA, INCLUSIVE UMA QUE MENCIONAVA TEREM “FEITO AMOR”

segunda-feira. Ela mal pôde acreditar. Sua filha estava com um problema e a polícia tinha coragem de lhe dizer que não havia pessoal suficiente no fim de semana para registrar a queixa! Não tinham aprovado no mês anterior uma lei que transformava em crime a sedução pela Internet – a preparação cuidadosa e a atração de menores para usá-los sexualmente?

para monitorar e gravar todas as conversas da filha pelo MSN. A suspeita virou realidade: o conteúdo gravado mostrava conversas obscenas nas quais o desconhecido pedia à Gabriela que levantasse a blusa, erguesse o sutiã e tirasse a calça, além de vários vídeos em que ele se exibia do pescoço para baixo.

– Fiquei revoltada, com nojo, só pensava em ir atrás dele, nem que chegasse aos extremos – desabafa Solange.

Os pais, orientados por um amigo policial, mantiveram as informações em sigilo e gravaram todos os contatos virtuais do desconhecido com a filha por quase um mês. O objetivo era reunir provas suficientes antes de ir à delegacia. Também passaram a acompanhar Gabriela à escola e não a deixavam mais sair sozinha.

**EM TODO O MUNDO,
CRIANÇAS FORAM
ABORDADAS EM
REDES SOCIAIS: NUNCA
PENSARAM QUE ALGO
MAU LHES ACONTECERIA**

– Levamos um susto quando noticiaram um crime ocorrido em Curitiba: uma criança fora achada esquartejada após encontro com um amigo virtual. Ficamos apavorados, reunimos todas as provas e corremos para a delegacia – conta Solange.

Gabriela relatou ao delegado que conhecera o estranho no Orkut,

antes de começarem a trocar mensagens pelo MSN. Ciente do risco que correria, Gabriela passou meses deprimida, com vergonha de sair e com receio de a história se tornar pública. Precisou de acompanhamento psicológico para superar o trauma.

Passados três anos do boletim de ocorrência, em 2009, o Núcleo de Combate aos Cibercrimes (Nuciber), no Paraná, localizou o autor das mensagens trocadas com Gabriela: um homem de 22 anos, morador de Nova Iguaçu (RJ). Chamado a depor, ele compareceu acompanhado do advogado, e disse não se lembrar das conversas com Gabriela.

Este é um crime que passou das praticinhas e escolas para um campo muito maior: a Internet, com mais de 5 milhões de usuários entre 2 e 11 anos no Brasil. Um agravante é a falta de estatísticas para determinar qual a melhor forma de acabar com o problema. Julia Davidson, professora de criminologia da Universidade Kingston, em Londres, diretora do primeiro estudo da Comissão Europeia sobre sedução *on-line*, observa que, em parte, isso se deve ao baixíssimo número de predadores já condenados.

Para Yvonne van Hertum, os números não importam. Ativista de Roterdã, na Holanda, que defende os direitos das crianças, toda semana ela recebe telefonemas de pais – inclusive os de



Katrina - pedindo conselhos ao descobrir que os filhos viraram alvo de predadores *on-line*.

Mas como patrulhar um mundo no qual 49% dos jovens de 9 a 16 anos, de acordo com uma pesquisa da União Europeia realizada no ano passado, usam a Internet no quarto, onde é difícil os pais monitorarem? No qual 59% têm perfil próprio nas redes sociais, sendo que mais de um quarto deles pode ser visualizado pelo público em geral? E no qual quase um terço admite ter se comunicado com quem nunca viu, e 9% foram conhecer essa pessoa de fato?

Dito isso, a polícia vem fazendo progresso no caso de alguns crimes contra crianças na Internet, como a produção e a transmissão de imagens pornográficas.

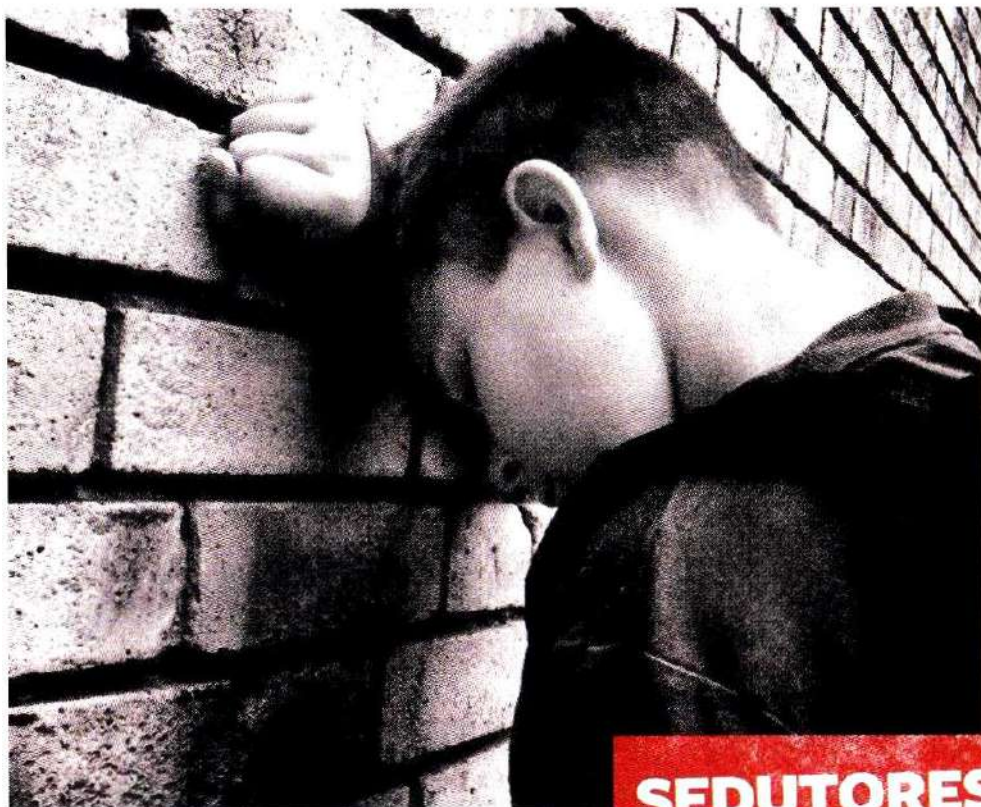
O banco de dados da Interpol, que pode ser acessado diretamente por investigadores autorizados em 25 países, resultou no resgate de mais de 2.100 crianças do mundo inteiro.

Mas, no caso da sedução *on-line*, atualmente cada país cuida do problema por conta própria. Só alguns, como o Reino Unido, a Noruega e a Suécia, têm leis que tratam especificamente dos sedutores.

Thiago Tavares, presidente da SafferNet Brasil, admite que a lei de livre mercado prevalece, e muitas empresas da Internet definem suas condutas: “Elas ignoram o problema, não investem na privacidade dos usuários, nem fazem campanhas educativas. Ainda carecemos de legislação neste setor.”

A maioria das polícias nacionais tem alguns especialistas dedicados a monitorar a Internet e as salas de bate-papo, mas é difícil perceber um crime em andamento. Os investigadores têm de decidir se uma frase à primeira vista inócua contém uma

pelo Orkut, passou a intensificar a vigilância sobre a plataforma. “Cinco meses após a assinatura do TAC houve uma redução de 43% no total de notificações no SaferNet”, revela Tavares.



ameaça. É por isso que a maior parte dos países acaba processando os sedutores da Internet depois de ocorrido o crime. É também por isso que as acusações variam de corrupção de menores a estupro.

Em julho de 2008 foi assinado o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), depois de intensas brigas judiciais entre Ministério Público Federal e o Google Brasil. O acordo visava ao combate da pedofilia na Internet, e o Google, responsável

Em 2009, a tentativa do Parlamento Europeu de esboçar uma lei válida em todo o continente fracassou, em parte por causa da “idade de consentimento” mencionada na proposta, questão delicada entre os países-membros porque varia muito, de 13 anos na Espanha a 17 na Irlanda.

Agora o parlamento faz uma segunda tenta-

SEDUTORES DA INTERNET SÃO MANIPULADORES E METICULOSOS: TRANSFORMAM-SE NO QUE AS VÍTIMAS ESPERAM: O MELHOR AMIGO OU A FIGURA PATERNA

tiva. A proposta de diretriz, baseada num tratado ratificado em 2010 pelo Conselho da Europa (organização de defesa dos direitos humanos com 47 países-membros), trata de todos os tipos de agressão sexual a crianças,

desde o turismo sexual até o “aliciamento”, palavra mais ampla do que a expressão “sedução *on-line*”, uma vez que também envolve atividades fora da Internet. O projeto define que a idade de consentimento sexual é aquela abaixo da qual são proibidas atividades sexuais com crianças, de acordo com a lei nacional, e determina a pena máxima de cinco anos de prisão para adultos que o fazem. Também afirma que as pessoas que, por meio de tecnologia de informação ou de comunicação, tentarem encontrar menores com o intuito de usá-los sexualmente estão sujeitas a uma pena máxima de um ano atrás das grades. E obriga os países-membros a bloquear o acesso a *sites* com pornografia infantil.

Roberta Angelilli, defensora dos direitos das crianças e representante da Itália no Parlamento Europeu, admite que ainda há questões a serem resolvidas, ligadas principalmente ao bloqueio do acesso a *sites*. Mas ela insiste em que as discordâncias não devem servir de desculpa, porque o abuso sexual pode marcar uma criança pelo resto da vida, e boa parte dele acontece cruzando fronteiras. “Atacar a sedução na Internet é um dos principais objetivos da diretiva”, diz ela.

Theo Noten já viu tudo isso. Membro europeu da diretoria da ECPAT, organização internacional sem fins lucrativos dedicada à proteção de crianças, viu menores como Katrina, garotos e garotas felizes e crédulos que querem fazer novos amigos pela

Internet, serem pegos por mera casualidade. E viu crianças vulneráveis, vindas de lares onde sofreram abusos, que podem estar com vergonha demais para contar à autoridade cabível o que lhes fizeram.

“Não há uma solução simples, não é apenas uma lei que vai fazer isso acabar”, diz Noten. “Precisamos atacar o problema por todos os lados. Precisamos prevenir.”

Um dos primeiros passos é descobrir como funciona a mente dos sedutores. Manipuladores e meticulosos, eles são capazes de se transformar naquilo de que as vítimas precisam: um bom amigo e confidente, alguém com simpatia contagiante ou, como num caso do Reino Unido, um pai benevolente. Nesse caso, um homem de 36 anos, casado e pai de família, seduziu uma menina de 13 assim que percebeu que ela procurava uma figura paterna. Depois do namoro pela Internet, encontraram-se seis vezes em seis meses, nas quais ele a cobriu de presentes, levou-a a um motel para fazer sexo e a fez pensar que aquilo era amor.

“Ela tivera uma infância difícil”, diz Julia Davidson, criminologista britânica que é uma das principais pesquisadoras do primeiro estudo da Comissão Europeia sobre sedução *on-line*. “Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Os sedutores tentam entender o que atrai as vítimas, para assim conseguir uma recompensa sexual.”

Hoje, o homem está preso.

Julia diz que, até agora, a pesquisa mostra que os sedutores, em geral, têm QI mais alto do que a média, de 110 ou mais, pouca educação formal e alto nível de conhecimentos de informática. Muitos usam 200 a 300 nomes ao mesmo tempo nas redes sociais para atender à sua necessidade; rejeitados pela maioria dos alvos, encontram vítimas principalmente entre meninas no início da adolescência, muitas com histórico familiar complicado.

Segundo Julia Davidson, “a pergunta é: Como concentrar os programas de conscientização nesse pequeno grupo de crianças vulneráveis?”

Sem dúvida, parte da resposta é uma divulgação melhor, com programas educativos elaborados com cuidado e campanhas com financiamento público. Mas isso tem efeito limitado, e os próprios *sites*, onde aquelas crianças vulneráveis correm riscos, devem dar um passo à frente e se tornar proativos e responsáveis. Hoje, eles tendem a ser apenas reativos, agindo quando há queixas e, de acordo com alguns especialistas, mal acompanhando

o tráfego de mensagens nas salas de bate-papo.

“Sofrem da síndrome da avestruz, que enfia a cabeça na areia para não ver o perigo”, acusa Rebecca Newton, especialista em segurança infantil na Internet que já trabalhou no Habbo como chefe de segurança. “Já vi todo tipo de comportamento típico de sociopata na Internet por parte de adultos e crianças, mas os proprietários não querem acreditar que aquilo acontece no *site* deles.”

Pais: o que pode ser feito

1. Instalem um programa de acesso à Internet que filtre automaticamente os *sites* que seus filhos visitam, como Net Nanny, CyberPatrol e The Family Browser.

2. Visitem os sites safernet.org.br ou criancamaissegura.com.br, que ensinam crianças e jovens a cuidar da segurança na Internet. Também têm conselhos úteis para os pais.

3. Conversem com seus filhos. Todos os especialistas concordam que isso é fundamental. Digam-lhes que devem informar se alguma coisa na Internet os deixar constrangidos ou quando se sentirem ameaçados. Verifiquem se eles sabem que devem pedir permissão antes de passar qualquer informação pessoal.

- Vejam se entenderam que muita gente mente na Internet.
- Peçam a seus filhos que lhes ensinem os programas de computador que vocês não conhecem.
- É importantíssimo manter abertos os canais de comunicação. No fim das contas, a melhor defesa é a conscientização de seu filho a respeito dos riscos e a capacidade de identificá-los.



Rebecca afirma que simplesmente não há pessoal treinado em quantidade suficiente para garantir a segurança em *sites* com milhões de usuários. “É como querer que um vigia de rua monte guarda num país inteiro, ou dois até”, diz ela.

Também existe um limite para o que o olho humano consegue perceber, e ponto final. Podem-se procurar padrões e palavras específicas o tempo todo, continua Rebecca, mas os predadores são inteligentes. “Sabem evitar que o alarme dispare”, diz ela. “Isso significa que as empresas também deveriam usar programas que examinem com mais eficiência os registros dos bate-papos. Afinal, a ideia não é tornar a Internet tão segura quanto possível?”

No fim, por maior que seja o esforço das autoridades e das empresas da Internet, cabe aos pais e aos filhos assumir uma responsabilidade maior.

“Acesso livre à Internet não é para crianças, do mesmo modo que elas não podem ir sozinhas a barzinhos à noite”, orienta Wanderson Castilho, especialista em crimes digitais e autor de *Manual do detetive virtual e Mentira, um rosto de muitas faces*. “Os pais precisam estabelecer horários e regras sobre o que se pode ou não fazer na Internet, e instalar um *software* de monitoramento e bloqueio de *sites* inadequados”, defende Castilho.

Os pais de Katrina aprenderam do modo mais difícil. Mais de um ano depois daquele terrível torpedo, a família ainda não se recuperou. Marianne se sentiu ultrajada quando

Andreas afirmou no tribunal que só procurava um relacionamento e pensou que a filha dela era mais velha; achou que ele deveria ter sido condenado a mais do que os dois anos de prisão e os seis meses de liberdade condicional, pelo abuso e por desrespeitar a lei de sedução do país.

Agora com 12 anos, Katrina passa por orientação psicológica, ainda apaixonada pelo sedutor e zangada com os pais por forçarem o fim do relacionamento e por irem à polícia. É como se houvesse duas pessoas dentro da sua cabeça: uma a lhe dizer que nunca desista do amor por Andreas e outra consciente de que é errado o que ele fez. Ela não dorme a noite toda e costuma ter pesadelos.

Ao mesmo tempo, os pais têm de lidar com o sentimento de culpa e fracasso. Antes, eram apenas uma família normal: dois pais que trabalhavam em tempo integral, com quatro filhos e três cães travessos. Jantavam juntos quase toda noite e conseguiam fazer tudo funcionar.

Agora, estão ansiosos, preocupados com o que vem pela frente. Sentem medo toda vez que um dos filhos sai de casa e passaram a temer a Internet. Sabem que precisam encontrar o equilíbrio entre responsabilidade parental e superproteção, mas é difícil. Tiraram o computador de Katrina.

“Vamos ficar bem”, diz Marianne. “Mas eu daria um conselho: a gente acha que nunca vai acontecer na nossa família e, de repente, lá estamos nós, tentando catar os caquinhos.” ■